

John Piper



Viver em Deus que é Invisível,
Sofrimento & Serviço na vida de
John Bunyan



**VIVER EM DEUS QUE É INVISÍVEL,
SOFRIMENTO E SERVIÇO NA VIDA DE
JOHN BUNYAN**

JOHN PIPER

Traduzido do original em Inglês
To Live Upon God that Is Invisible
Suffering and Service in the Life of John Bunyan
By John Piper

Via: DesiringGod.org • © 2015 Desiring God Foundation

Tradução por Amanda Ramalho
Revisão e Capa por Camila Almeida

1ª Edição: Março de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do ministério DesiringGod.org • © 2015 Desiring God Foundation, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Viver Em Deus Que É Invisível, Sofrimento E Serviço Na Vida De John Bunyan

Por John Piper

Conferência Bethlehem para pastores, 2 de fevereiro de 1999.

“Deus te abençoe, Prisão, por ter estado em minha vida!”

Em 1672, cerca de 50 quilômetros a noroeste de Londres, em Bedford, John Bunyan foi libertado de 12 anos de prisão. Ele tinha 44 anos. Pouco antes de sua libertação (parece) ele atualizou sua autobiografia espiritual chamada de “Graça Abundante ao Principal dos Pecadores”. Ele olhou para trás, para as dificuldades dos últimos 12 anos e escreveu sobre como ele foi habilitado por Deus para sobreviver e até mesmo florescer na prisão de Bedford. Um de seus comentários me dá o título para esta mensagem sobre a vida de Bunyan.

Ele cita 2 Coríntios 1:9, onde Paulo diz: “Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos”. Depois, ele diz:

Por essa Escritura eu fui levado ver que, se algum dia eu sofresse retamente, eu precisaria primeiro passar uma sentença de morte sobre todas as coisas que podem ser corretamente chamadas de coisa dessa vida, mesmo a considerar a mim mesmo, minha esposa, meus filhos, minha saúde, o meu prazer, e todos, como mortos para mim, e eu, como morto para eles. A segunda seria *viver em Deus que é invisível*, como Paulo disse em outro lugar; o caminho para não enfraquecer, é o de “não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas”.

O termo que eu tenho me apegado para o título e foco deste estudo de Bunyan é a frase, “viver em Deus que é invisível”. Ele descobriu que, se devemos sofrer corretamente, devemos morrer, não somente para o pecado, mas para as coisas inocentes e preciosas deste mundo, incluindo a família e liberdade. Devemos “viver em Deus que é invisível”. Devemos considerar todo o mais do mundo como morto para nós e nós para eles. Essa foi a paixão de Bunyan a partir do momento de sua conversão como um jovem homem casado até o dia de sua morte, quando ele tinha 60 anos.

Sufrimento: Normal E Essencial

Em toda a minha leitura de Bunyan, o que me prendeu mais é o seu sofrimento e como ele respondeu a ele. O que ele fez com o sofrimento. E o que ele pode fazer de nós. Todos nós vamos para as nossas tarefas com uma história e muitas predisposições. Eu venho a John Bunyan com um sentimento crescente de que o sofrimento é um elemento normal, útil, essencial e ordenado por Deus na vida e ministério Cristãos. Não apenas para nos desmamar do mundo e ensinando-nos a viver em Deus, como 2 Coríntios 1:9 diz, mas também para fazer os pastores mais capazes de amar a Igreja (2 Timóteo 2:10; Colossenses 1:24) e fazer missionários mais capazes de alcançar as nações (Mateus 10:16-28), para que possam aprender a viver em Deus e não pelo pão que perece (João 6:27).

Eu sou influenciado na forma como leio Bunyan por tanto o que eu vejo no mundo de hoje e quanto o que vejo na Bíblia. Eu vejo a perseguição da Igreja na Indonésia com suas igrejas queimadas; no Sudão com a sua fome e escravização sistemática; na China, com a repressão da liberdade religiosa e longas prisões; na Índia, com sua recente violência por parte de uma multidão de Hindus e o assassinato, há duas semanas, de Graham Staines, um missionário veterano de 30 anos com seus filhos de sete e nove anos de idade; e a estimativa reportada no Boletim Internacional de Pesquisa Missionária deste mês de 164.000 mártires Cristãos neste mês em 1999.

Vejo 10.000 mortos em Honduras e na Nicarágua no caminho do furacão Mitch. Vejo 1.000 mortos por um terremoto na semana passada na Armênia, na Colômbia. Vejo centenas, abatidos em Kosovo. Vejo 16.000 novas pessoas infectadas com o vírus HIV a cada dia, com 2,3 milhões de pessoas morrendo de AIDS em 1997, 460.000 deles com menos de 15 anos, e 8,4 milhões de crianças órfãs devido à AIDS. E, claro, eu vejo as pessoas sofrendo em minha própria igreja com tuberculose, lúpus, doenças cardíacas e cegueira, para não mencionar as centenas de dores emocionais e relacionais que as pessoas trocariam qualquer dia por uma boa amputação limpa.

E, enquanto eu vou para a vida e sofrimento de Bunyan, eu vejo na Bíblia que “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino” (Atos 14:22); e a promessa de Jesus: “Se eles me perseguiram, também vos perseguirão a vós também” (João 15:20); bem como a advertência de Pedro: “Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse” (1 Pedro 4:12); e o realismo absoluto de Paulo que nós “que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23); e a lembrança de que “o nosso homem exterior se corrompe” (2 Coríntios 4:16); e que toda a criação “ficou sujeita à vaidade” (Romanos 8:20).

Quando olho ao meu redor no mundo e na Palavra, meu próprio senso é que o que nós precisamos de Bunyan agora é um vislumbre de como ele sofreu e como ele aprendeu a “viver em Deus que é invisível”. Eu quero isso para mim, e eu quero isso para o meu povo, e eu quero isso para vocês pastores e para o seu povo, porque nada glorifica a Deus mais do que quando mantemos a nossa estabilidade e até mesmo a nossa alegria de ter perdido tudo, menos Deus (Habacuque 3:17-18). Esse dia está chegando para cada um de nós, e nós fazemos bem em estarmos prontos, e ajudar o nosso povo a ficar pronto.

Os Tempos De Redwoods

John Bunyan nasceu em Elstow, a cerca de uma milha ao sul de Bedford, Inglaterra, em 30 de novembro de 1628, o mesmo ano em que William Laud tornou-se o bispo de Londres durante o reinado do rei Charles I. Essa conexão com o Bispo Laud é importante porque você não pode compreender os sofrimentos de Bunyan separados dos tempos religiosos e políticos em que viveu.

Naqueles dias havia tremendos conflitos entre o Parlamento e a monarquia. Bispo Laud, juntamente com Charles I se opuseram às reformas da Igreja da Inglaterra, desejada pelos Puritanos. Oliver Cromwell foi eleito para o Parlamento em 1640 e a guerra civil eclodiu em 1642 entre as forças leais ao rei e aquelas leais ao Parlamento. Em 1645, o Parlamento tomou o controle da Monarquia. Bispo Laud foi executado naquele ano e o uso do Livro de Oração Comum foi derrubado. A Assembleia de Westminster concluiu a Confissão de Westminster para a Igreja Presbiteriana dominante em 1646, e o rei foi decapitado em 1649. Cromwell liderou a nova *Commonwealth* até sua morte em 1658. Sua principal preocupação era um governo estável com a liberdade de religião para os Puritanos, como John Bunyan e outros. “Os judeus, que tinham sido excluídos da Inglaterra desde 1290, foram autorizados a voltar em 1655”.

Após a morte de Cromwell seu filho, Richard Cromwell, foi incapaz de sustentar o governo. O desejo de estabilidade com um novo rei cresceu (Quão rapidamente o favor do homem pode mudar!). O Parlamento voltou-se contra os Não-conformistas como John Bunyan e aprovou uma série de atos que resultaram no aumento das restrições sobre os pregadores Puritanos. Charles II foi trazido para casa no que é conhecido como a Restauração da Monarquia, e proclamado rei em 1660, mesmo ano em que Bunyan foi preso por pregar sem a aprovação do estado.

Dois Mil Pastores Expulsos

Em 1662, a Lei de Uniformidade foi aprovada e exigia aceitação do Livro de Oração e Orde-

nação Episcopal. Em agosto daquele ano, 2.000 pastores Puritanos foram forçados a sair de suas igrejas. Doze anos mais tarde, houve uma feliz mudança de eventos com a Declaração de Indulgência Religiosa, que resultou na liberdade de Bunyan, sua licença para pregar e seu chamado para ser o pastor oficial da Igreja Não-Conformista em Bedford. Mas havia instabilidade política até quando morreu em 1688, aos 60 anos. Ele foi preso uma outra vez em meados de 1670, quando ele provavelmente escreveu “O Peregrino”.

Estes foram os dias dos sofrimentos de John Bunyan, e devemos ter cuidado para não exagerar ou subestimar o terror dos dias. Exageraríamos, se nós pensássemos que ele foi torturado na prisão de Bedford. De fato, alguns carcereiros deixam-no sair para ver sua família ou fazer breves viagens. Mas nós subestimaríamos se nós pensássemos que ele não estava em perigo frequente de execução. Por exemplo, nos sangrentos inquéritos de 1685, 300 pessoas foram mortas nos condados ocidentais da Inglaterra por fazer não mais do que Bunyan fez como um pastor Não-Conformista.

Sofrimento E Medo Na Juventude

Bunyan aprendeu o ofício de metalurgia ou “latoeiro” ou “braseiro” de seu pai. Ele recebeu o ensino regular dos pobres para ler e escrever, porém nada mais. Ele não teve educação formal mais elevada de qualquer tipo, o que torna a sua escrita e influência ainda mais surpreendente. O sofrimento mais notável de sua vida começa na adolescência. Em 1644, quando tinha 15 anos, sua mãe e sua irmã morreram no prazo de um mês de diferença. Sua irmã tinha 13. Para aumentar o sofrimento, seu pai casou-se novamente dentro de um mês. Tudo isso enquanto não há muitos quilômetros de distância, no mesmo mês da perda, o rei atacou uma igreja em Leighton e “começou a cortar e ferir à direita e à esquerda”. E depois naquele outono, quando Bunyan tinha completado 16 anos, ele foi convocado para o Exército Parlamentar. Por cerca de dois anos, foi levado de sua casa para o serviço militar. Houve momentos angustiantes, ele nos diz, como uma vez, quando um homem tomou seu lugar como uma sentinela e foi baleado na cabeça com uma bala de mosquete e morreu.

Bunyan não era um crente durante este tempo. Ele nos diz: “Eu tinha poucos iguais, especialmente considerando os meus anos, que foram postos para maldizer, xingar, mentir e blasfemar contra o santo nome de Deus... até eu ter me casado, eu era o líder de todos os jovens que me faziam companhia, em todos os tipos de vício e impiedade”.

Preciosos Livros Vieram Com A Esposa

Ele “veio para o estado do matrimônio” quando ele tinha 20 ou 21 anos, mas nós nunca soubemos o nome de sua primeira esposa. O que nós sabemos é que ela era pobre, mas

tinha um pai piedoso que morreu e deixou seus dois livros que ela trouxe para o casamento, *Caminho Do Homem Simples Para O Céu* e *A Prática Da Piedade*. Bunyan disse: “Nestes dois livros que eu, às vezes, lia com ela, em que eu também encontrei algumas coisas que eram um pouco agradáveis para mim, mas tudo isso enquanto eu não me encontrei com nenhuma convicção”. Mas a obra de Deus atraindo-o havia começado.

Eles tiveram quatro filhos: Mary, Elizabeth, John e Thomas. Mary, a mais velha, nasceu cega. Isto não só contribuiu para o tremendo fardo de seu coração em cuidar de Mary e dos outros, também faria sua prisão, quando Mary tinha 10 anos, uma separação dolorosa.

“A Tua Justiça Está No Céu”

Durante os primeiros cinco anos de casamento, Bunyan foi profundamente convertido a Cristo e à vida da igreja Batista Não-Conformista em Bedford. Ele esteve sob a influência de John Gifford o pastor em Bedford e mudou-se de Elstow para Bedford com sua família e entrou para a igreja lá em 1653, embora ele não estivesse tão certo quanto eles estavam de que ele era um Cristão. É difícil estabelecer uma data em sua conversão, porque em recontar o processo em “Graça Abundante ao Principal dos Pecadores” ele quase não inclui datas ou horas. Mas foi um processo longo e agonizante.

Ele estava se derramando sobre as Escrituras, mas não encontrando paz ou segurança. Houve épocas de grande dúvida sobre as Escrituras e sobre sua própria alma. “Toda uma enxurrada de blasfêmias, tanto contra Deus, Cristo e as Escrituras foram derramadas sobre o meu espírito, para minha grande confusão, um assombro... Como você pode dizer, que os turcos não tinham escrituras tão boas para provar seu Maomé como Salvador como temos para provar o nosso Jesus?”. “Meu coração esteve por vezes excessivamente duro. Se tivesse dado mil libras por uma lágrima, eu não poderia derramar uma”.

Quando ele pensou que estava confirmado no Evangelho veio uma época de escuridão esmagadora, seguida de uma terrível tentação quando ouviu as palavras: “Venda e se separe desse Santíssimo Cristo... Deixe-o ir, se Ele quiser”. Ele nos diz: “Eu senti meu coração consentir livremente a isso. Oh, a diligência de Satanás; oh, a desesperança do coração do homem”. Por dois anos, ele nos diz, ele estava na desgraça da condenação. “Eu temia que este meu pecado perverso fosse o pecado imperdoável”. “Oh, ninguém sabe os terrores desses dias, a não ser eu mesmo”. “Eu achei que, agora, era um trabalho árduo orar a Deus, porque o desespero estava engolindo-me”.

Em seguida, vem o que parecia ser o momento decisivo.

Um dia, quando eu estava atravessando o campo... esta frase caiu sobre a minha alma. A Tua justiça está no Céu. E, eu pensava, além disso, eu vi com os olhos da minha alma Jesus Cristo à direita de Deus; lá, eu digo, estava a minha justiça; a fim de que onde quer que eu estivesse, ou o que eu estivesse fazendo, Deus não poderia dizer de mim, Ele necessita [= carece] de minha justiça, pois ela estava diante dEle. Vi também, por outro lado, que não era o meu bom estado do coração que fazia minha justiça melhor, nem mesmo as minhas circunstâncias ruins que faziam a minha justiça ser pior, pois minha justiça era o próprio Jesus Cristo, “o mesmo ontem, hoje e eternamente” (Hebreus 13:8). Agora, sim, minhas correntes caíram das minhas pernas, de fato. Eu estava livre das minhas aflições e correntes. Minhas tentações também fugiram; de modo que a partir desse momento as Escrituras terríveis de Deus [sobre o pecado imperdoável] pararam de me incomodar; agora fui eu também para casa regozijando pela graça e amor de Deus.

Abaixo de Deus, uma influência chave aqui, além do Pastor Gifford em Bedford, foi Martinho Lutero. “O Deus, em cujas mãos estão todos os nossos dias e caminhos, lançou na minha mão um dia um livro de Martinho Lutero, que era o seu comentário sobre Gálatas... eu encontrei a minha condição em sua experiência tão ampla e profundamente tratadas, como se seu livro tivesse sido escrito a partir do meu coração... eu prefiro este livro de Martinho Lutero sobre os Gálatas, excetuando-se a Bíblia Sagrada, antes de todos os livros que já tenho visto, como o mais apto para uma consciência ferida”.

Um Pregador Nasce

Assim, em 1655, quando a questão de sua alma foi resolvida, ele foi convidado a exortar a igreja, e de repente um grande pregador foi descoberto. Ele não seria licenciado como um pastor da igreja Bedford até 17 anos mais tarde. Mas a sua popularidade como um poderoso pregador leigo explodiu. A extensão de sua obra cresceu. “Quando o país entendeu que... o funileiro virou pregador”, John Brown nos diz, “eles vieram para ouvir a Palavra às centenas, e de todas as partes”. Charles Doe, um fabricante de pentes em Londres, disse (mais tarde na Vida de Bunyan), “Sr. Bunyan pregou como ninguém o Novo Testamento, ele me fez admirar e chorar de alegria, e dar-lhe os meus afetos”. Nos dias de tolerância, um dia de aviso prévio atrairia uma multidão de 1200 para ouvi-lo pregar às 7h00min horas da manhã nos dias úteis. Uma vez, na prisão, toda uma congregação de 60 pessoas foi presa e trazida à noite. Uma testemunha diz-nos: “Eu... ouvi o Sr. Bunyan tanto pregar quanto orar com aquele poderoso espírito de fé e completa segurança da assistência Divina, que... fez-me permanecer e maravilhar-me”. O maior teólogo Puritano e contemporâneo de Bunyan, John Owen, quando perguntado pelo rei Charles por que ele, um grande estudioso, foi ouvir um pregador funileiro inculto disse: “Eu estaria disposto a trocar o meu aprendizado pelo poder do funileiro de tocar o coração dos homens”.

A Incrível Elizabeth Bunyan

Dez anos depois de ter sido casado, quando Bunyan tinha 30 anos, sua esposa morreu em 1658, deixando-o com quatro filhos menores de dez anos, uma dentre eles, cega. Um ano depois, ele se casou com Elizabeth, que era uma mulher notável. Um ano depois de seu casamento, Bunyan foi preso e colocado na prisão. Ela estava grávida de seu primogênito e abortou na crise. Em seguida, começou a cuidar dos filhos como madrasta por 12 anos sozinha, e deu à luz a mais dois filhos de Bunyan, Sarah e Joseph.

Ela merece pelo menos uma história aqui sobre seu valor na forma como ela foi até as autoridades em agosto de 1661, um ano após a prisão de John. Ela já havia estado em Londres com uma petição. Agora, ela teve que enfrentar um severo questionamento:

- “Será que ele pararia de pregar?”.
- “Meu senhor, ele não ousaria deixar de pregar, desde que ele fosse capaz de falar”.
- “Qual é a necessidade da petição?”.
- “Há uma necessidade para isso, meu senhor, pois tenho quatro filhos pequenos que não podem ajudar a si mesmos, dos quais uma é cega, e não temos nada para nos sustentar, além da caridade de pessoas boas”.

Matthew Hale, com compaixão, pergunta se ela realmente tem quatro filhos, sendo tão jovem.

- “Meu senhor, eu sou a madrasta deles, não estando casada com ele ainda por dois anos completos. Na verdade, eu estava grávida quando meu marido foi preso pela primeira vez; Mas sendo jovem e desacostumada a certas coisas, eu ficando chocada com a notícia, en-trei em trabalho de parto, e assim continuei por oito dias e, em seguida, dei a luz, mas o meu filho morreu”.

Hale ficou comovido, mas outros juízes foram endurecidos e falaram contra ele. “Ele é um mero funileiro!”.

- “Sim, e porque ele é um funileiro e um homem pobre, por isso ele é desprezado e não pode ter justiça”.

Um Sr. Chester ficou enfurecido e disse que Bunyan pregaria e faria o que quisesse.

- “Ele não prega nada, além da Palavra de Deus!”, disse ela.

Sr. Twisden, em um acesso de raiva: — “Ele vai a todos os lugares, e causa dano”.

— “Não, meu senhor, não é assim; Deus o abençoa e tem feito muito bem através dele”.

O homem irritado: — “Sua doutrina é a doutrina do Diabo”.

Ela: — “Meu senhor, quando o justo Juiz aparecer, será conhecido que a sua doutrina não é a doutrina do Diabo!”.

Comentários do biógrafo de Bunyan: “Elizabeth Bunyan era simplesmente uma camponesa inglesa; ela poderia ter falado com mais dignidade se fosse uma rainha coroada?”.

Apartado De “Minha Pobre Filha Cega”

Então, por 12 anos Bunyan escolhe a prisão e uma consciência limpa ao invés da liberdade e uma consciência suja pelo acordo para não pregar. Ele poderia ter tido sua liberdade quando ele quisesse. Mas ele e Elizabeth foram feitos do mesmo material. Quando pedido para se retratar e não pregar, ele disse: “Se nada funcionará, a menos que eu faça da minha consciência uma carnificina contínua e abatedouro, a menos que, colocando para fora os meus próprios olhos, eu me confie a um cego para me guiar, como eu não duvido que é desejado por alguns, eu determinei, o Deus todo-poderoso sendo minha ajuda e escudo, ainda sofrer, se é que a vida frágil pode continuar assim por muito tempo, mesmo até que o musgo cresça em minhas sobrelhas, ao invés de, assim, violar o minha fé e princípios”.

No entanto, ele foi atormentado às vezes pensando que ele poderia não ter tomado a decisão certa no que diz respeito à sua família.

A despedida de minha esposa e pobres crianças tem sido muitas vezes, para mim, neste lugar, como o repuxar da carne dos meus ossos; e isto não somente porque eu sou um pouco afeiçoado a essas grandes misericórdias, mas também porque eu tenho muitas vezes trazido à minha mente as muitas dificuldades, misérias e necessidades que a minha pobre família provavelmente passaria, se fosse eu tirado deles, especialmente de minha pobre filha cega, que estava mais perto do meu coração do que tudo que eu tinha; oh, os pensamentos do sofrimento que eu pensei que a minha filha cega pudesse sofrer, quebraria meu coração em pedaços.

Perseverante Em Bedford, Não Em Londres

No entanto, ele permaneceu. Em 1672 ele foi libertado por causa da Declaração de Indulgência Religiosa. Imediatamente ele foi licenciado como o pastor da igreja em Bedford, a

qual ele estava servindo o tempo todo, mesmo de dentro da prisão por escritos e visitas periódicas. Um celeiro foi comprado e reformado como seu primeiro edifício e é aí que Bunyan ministrou como pastor pelos 16 anos seguintes, até sua morte. Ele nunca foi seduzido para longe desta pequena paróquia pelas oportunidades maiores em Londres. A estimativa é de que, talvez, havia 120 Não-Conformistas em Bedford em 1676 com outros, sem dúvida, vinham ouvi-lo em torno das aldeias vizinhas.

Houve mais uma prisão no inverno e na primavera de 1675-1676. John Brown acha que este foi o momento em que “O Peregrino” foi escrito. Mas, apesar de Bunyan não estar na prisão novamente durante o seu ministério, a tensão dos dias foi extraordinária. Dez anos depois de sua última prisão, em meados da década de 1680, a perseguição foi severa novamente. “Richard Baxter, embora fosse, agora, um homem velho, foi aprisionado, onde permaneceu por mais dois anos, e onde teve inúmeros companheiros em perigo”.

Reuniões foram invadidas, os adoradores lançados na prisão, “separatistas mudavam o local de reunião de tempos em tempos, definindo as suas sentinelas para vigiar, deixaram de cantar hinos em seus serviços, e por uma questão de maior segurança adoravam uma e outra vez nas caladas da noite. Ministros eram introduzidos para seus púlpitos através de alçapões no chão ou teto, ou através de portas improvisadas em paredes”. Bunyan previa ser levado novamente e doou todas as suas posses para sua esposa Elizabeth, de modo que ela não fosse arruinada por suas multas ou detenção.

Um Peregrino Morre Longe De Casa

Mas Deus o poupou; até agosto de 1688. Ele viajou 50 milhas até Londres para pregar e para ajudar a fazer a paz entre um homem em sua igreja e seu pai afastado. Ele foi bem sucedido em ambas as missões. Mas depois de uma viagem a um bairro periférico, ele voltou para Londres, a cavalo, em meio a chuvas excessivas. Ele caiu de cama com febre violenta, e em 31 de agosto de 1688, aos 60 anos, seguiu a sua Peregrinação da Cidade da Destruição através do rio para a Nova Jerusalém.

Seu último sermão tinha sido em 19 de agosto, em Londres, *Whitechapel* em João 1:13. Suas últimas palavras do púlpito foram: “Viva como os filhos de Deus, para que você possa olhar para a face do seu Pai com consolo no outro dia”. Sua esposa e filhos não tiveram conhecimento da crise até depois que já era tarde demais. Então, Bunyan provavelmente morreu sem o conforto da família, assim como ele tinha passado grande parte de sua vida sem os confortos de casa. “O inventário dos bens de Bunyan após sua morte somaram um total de 42 libras e 19 xelins. Isso é mais do que um funileiro comum deixaria, mas sugere que a maior parte dos lucros de ‘O Peregrino’ tinha ido para impressoras de edições

piratas”. Ele nasceu pobre e nunca deixou-se tornar rico nesta vida. Ele foi enterrado em Londres em *Bunhill Fields*.

Então, em suma, podemos incluir aos sofrimentos de Bunyan a precoce, quase simultânea, morte de sua mãe e irmã; o novo casamento imediato de seu pai; o alistamento militar em meio a sua dor na adolescência; a descoberta de que sua primeira filha era cega; a depressão espiritual e escuridão nos primeiros anos de seu casamento; a morte de sua primeira esposa deixando-o com quatro filhos pequenos; uma prisão por 12 anos tirando-o de sua família e da igreja; o constante estresse e incerteza de perseguição iminente, incluindo mais uma prisão; e a doença final e a morte longe daqueles que mais amava. E este resumo não inclui nenhuma das pressões normais e dores de ministério, casamento, paternidade, controvérsia, críticas e doença ao longo do caminho.

Escrevendo Para A Igreja Aflita

A questão, então, que eu levanto sobre o sofrimento de Bunyan é: Qual foi o seu efeito? Como ele respondeu ao sofrimento? O que ele traz? Que diferença isso fez em sua vida? Sabendo que eu estou deixando de fora muitas coisas importantes, eu responderia isso com cinco observações.

1. O sofrimento de Bunyan confirmou-o em seu chamado como um escritor, especialmente para a Igreja Aflita.

Provavelmente, a maior distorção da vida de Bunyan no retrato que vos tenho dado até agora é que ele passa sobre um dos principais trabalhos de sua vida, os seus escritos. Livros haviam despertado sua própria busca espiritual e guiaram-no na mesma. Livros seriam o seu principal legado para a Igreja e para o mundo.

É claro, ele é famoso por “O Peregrino”, “ao lado da Bíblia, talvez o livro mais vendido do mundo... traduzido em mais de 200 línguas”. Foi um sucesso imediato com três edições no primeiro ano em que foi publicado em 1678. Ele foi inicialmente desprezado pela elite intelectual, mas como o Lord Macaulay salienta, “O Peregrino é, talvez, o único livro sobre o qual, após o decurso de cem anos, a minoria educada chegou à opinião das pessoas comuns”.

Mas a maioria das pessoas não sabe que Bunyan foi um escritor prolífico antes e depois de “O Peregrino”. O índice de “Escritos de Bunyan” por Christopher Hill lista 58 livros. A variedade desses livros era notável: controvérsia (como os Quakers e justificação e o batismo), coleções de poemas, literatura infantil, alegoria (como a Guerra Santa e A vida e a Morte do Sr. Homem Mau); mas a grande maioria eram exposições doutrinárias práticas

da Escritura construídas a partir de sermões em prol do fortalecimento e da advertência e ajuda para peregrinos Cristãos fazerem o seu caminho com sucesso para o Céu.

Ele foi um escritor do início ao fim. Ele havia escrito quatro livros antes de ir para a prisão, aos 32 anos e no ano que ele morreu cinco livros foram publicados naquele ano de 1688. Isso é extraordinário para um homem sem educação formal. Ele não sabia grego nem hebraico e não tinha graus teológicos. Isso era tal ofensa mesmo em seus próprios dias que o seu pastor, John Burton, veio em sua defesa, escrever um prefácio para o seu primeiro livro em 1656 (quando ele tinha 28 anos): “Este homem não é escolhido de uma universidade terrena, mas, sim, de uma universidade celeste, a Igreja de Cristo... Ele tem pela graça obtido esses três graus celestiais, a saber, a união com Cristo, a unção do Espírito e experiências das tentações de Satanás, os quais o faz mais apto para essa poderosa obra de pregar o Evangelho do que toda a aprendizagem da universidade e títulos que podem ser obtidos”.

O sofrimento de Bunyan deixou sua marca em toda a sua obra escrita. George Whitefield disse de “O Peregrino”, “Ele cheira a prisão. Foi escrito quando o autor estava confinado na prisão de Bedford. E ministros nunca escrevem ou pregam tão bem como quando sob a cruz; quando isso ocorre o Espírito de Cristo e da glória repousa sobre eles”.

A fragrância da aflição estava na maioria dos seus escritos. Na verdade, eu suspeito que uma das razões pelas qual os Puritanos ainda estão sendo lidos hoje com tanto benefício é que toda a experiência deles, ao contrário da nossa, foi de perseguição e sofrimento. Para nossa era de entretenimento (pelo menos no próspero ocidente) isto pode parecer sombrio, às vezes, mas o dia que você ouvir que você tem câncer ou que o seu filho é cego ou que uma multidão está vindo, você se afasta dos livros animados para os de mais conteúdo que foram escritos no precipício da eternidade, onde tanto a fragrância do Céu como o mau cheiro do inferno estão no ar.

Os escritos de Bunyan foram uma extensão de seu ministério pastoral, principalmente, ao seu rebanho em Bedford que vivia em constante perigo de perseguição e prisão. Seu sofrimento capacitou-lhe bem para a tarefa. O que nos leva ao segundo efeito do sofrimento de Bunyan que eu quero mencionar.

2. O sofrimento de Bunyan aprofundou o seu amor pelo seu rebanho e deu ao seu trabalho pastoral a fragrância da eternidade.

Seus escritos estavam repletos com amor ao seu povo. Por exemplo, três anos depois de sua prisão, ele escreveu um livro chamado Comportamento Cristão, que ele concluiu assim:

Assim eu, em poucas palavras, escrevo para vocês antes de eu morrer, uma palavra

para estimulá-los à fé e à santidade, porque eu desejo que vocês possam ter a vida que está guardada para todos os que creem no Senhor Jesus, e amem uns aos outros, quando eu falecer. Apesar de que, assim, descansarei de meus trabalhos e estarei no Paraíso, como pela graça com a qual eu confortavelmente creio, ainda assim não estou lá, mas aqui, então, devo fazer-lhes o bem. Portanto, eu não conhecendo a brevidade da minha vida, nem o obstáculo que daqui em diante eu possa ter pelo fato de servir ao meu Deus e a vocês, tenho tido a oportunidade de apresentar estas poucas linhas a vocês para a sua edificação.

Em sua autobiografia, escrita no meio do seu tempo de prisão, ele falou de sua igreja e o efeito que esperava que seu possível martírio teria sobre eles: “Eu frequentemente digo diante do Senhor, que se ser enforcado hoje diante de seus olhos fosse um meio para despertá-los e confirmá-los na verdade, de bom grado devo concordar com isso”. Na verdade, muitos de seu rebanho se juntaram a ele na cadeia e ele ministrou a eles lá. Ele repetiu as palavras de Paulo quando ele descreveu seus anseios por eles: “Na minha pregação eu realmente tenho sofrido, eu tenho, por assim dizer, sofrido dores de parto para dar à luz filhos a Deus”.

Ele glorificou o privilégio do ministério evangélico. Isso também fluiu de seu sofrimento. Se tudo estivesse bem e este mundo é tudo o que importa, um pastor poderia se tornar ciumento de pessoas prósperas que passam o tempo no lazer. Mas se o sofrimento abunda, e se a prosperidade é uma capa para a verdadeira condição dos americanos amantes das diversões que estão perecendo, então, ser um pastor pode ser o mais importante e glorioso de todos os trabalhos. Bunyan pensava que era: “Meu coração tem sido tão envolvido com a glória deste excelente trabalho, que eu reputo a mim mesmo como mui abençoado e honrado por Deus por isso, do que se eu tivesse me feito o imperador do mundo Cristão, ou o senhor de toda a glória da terra sem isso”.

Ele amava o seu povo, ele amava o seu trabalho e ele ficou com neste e com aquele até o fim de sua vida. Serviu-os e serviu ao mundo a partir de sua igreja local, com cerca de 120 membros.

3. O sofrimento de Bunyan abriu seu entendimento para a verdade de que a vida Cristã é difícil e que seguir Jesus significa caminhar contra os ventos.

Em 1682, seis anos antes de sua morte, ele escreveu um livro chamado “A Grandiosidade da Alma” baseado em Marcos 8:36-37: “Pois, que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? Ou, que daria o homem pelo resgate da sua alma?”. Ele diz que seu objetivo é “despertá-los, levantá-los de suas camas de tranquilidade, segurança e prazer, e colocá-los de joelhos diante dEle, para implorar a graça dEle para estarem

preocupados com a salvação das suas almas”. E ele não intenciona o ponto de conversão, mas o processo de perseverança. “Aquele que perseverar até o fim, será salvo” (Marcos 13:13). Ele ouviu Jesus advertindo-nos que a vida com Ele é difícil:

Seguir-Me não é como seguir alguns outros mestres. O vento fica sempre no Meu rosto e o espumoso e bravo mar deste mundo, e as ondas soberbas e altivas do mesmo continuamente açoitam os lados do barco ou navio em que Eu mesmo, a Minha causa, e Meus seguidores estão; aquele, portanto, que não quer correr riscos, e que tem medo de arriscar-se a sofrer um afogamento, não deixe que ele ponha os pés neste navio.

Dois anos mais tarde, comentando sobre João 15:2 (“Todo ramo que dá fruto, Ele poda”), ele diz: “É a vontade de Deus, que os que vão para o Céu devam ir para lá duramente ou com dificuldade. Os justos dificilmente são salvos, isto é, eles o serão, mas ainda assim com grande dificuldade, para que isso possa ser mais doce”.

Ele tinha provado isso no início de sua vida Cristã e em cada ponto ao longo do caminho. No início: “A minha alma estava perplexa com a incredulidade, a blasfêmia, a dureza de coração, as perguntas sobre o Ser de Deus, Cristo, a verdade da Palavra, e a certeza do mundo vindouro: eu digo, então, eu fui muito assaltado e atormentado com o ateísmo”. De todas as tentações que eu encontrei em minha vida, a de questionar a existência de Deus e da verdade do seu Evangelho foi a pior, e a pior de suportar”.

Em “A Excelência De Um Coração Quebrantado” (o último livro que ele levou para a editora), ele diz: “A conversão não é um processo fácil e suave como alguns homens parecem pensar... É um trabalho doloroso, é claro, isso quebranta os corações, mas sem ferimento não há salvação... Onde há enxerto há um corte, o enxerto deve ser deixado com uma ferida, o colocá-lo externamente ou para amarrá-lo com uma corda não seria de qualquer utilidade. O coração deve ser definido como coração e voltar para trás, ou não haverá seiva da raiz para o ramo, e isso eu digo, deve ser feito por uma ferida”.

O sofrimento de Bunyan o fez afeiçoado a essas coisas, e paciente. Você pode ouvir a sua empatia com aqueles que sofrem nestas palavras tipicamente terrenas em um livro de 1678 chamado: “Venha a Jesus Cristo e Seja Bem-vindo”: “Aquele que vem a Cristo nem sempre, é verdade, pode obter certeza tão rápido quanto ele gostaria. Pobre alma que vem, tu és como o homem que gostaria de montar a galope, um cavalo que dificilmente vai a trote. Agora, o desejo da sua alma não é para ser julgado pelo ritmo lento do vagaroso burro velho que ele monta, mas pelo engate, esporar e estímulo com que ele senta-se em suas costas. Tua carne é assim, um velho burro lento, ela não vai galopar atrás de Cristo, irá para trás, embora a tua alma e o Céu estejam em jogo”.

Parece-me que Bunyan conhecia o equilíbrio de Filipenses 2:12-13: “De sorte que, meus amados... operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”. Primeiro, ele publica um livro chamado, “Salvos Pela Graça”, baseado em Efésios 2:5: “Pela graça sois salvos”. E, depois, no mesmo ano, ele prossegue com um livro chamado, “A Porta Estreita”, com base em Lucas 13:24: “Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão”.

Os sofrimentos de Bunyan lhe ensinaram as palavras de Jesus em primeira mão: “E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” (Mateus 7:14).

4. Os sofrimentos de Bunyan reforçaram a sua certeza de que Deus é soberano sobre todas as aflições de Seu povo e vai trazê-los em segurança para casa.

Sempre houve, como existem hoje, as pessoas que tentam resolver o problema do sofrimento negando a soberania de Deus, que é a providência todo-poderosa de Deus sobre Satanás, sobre a natureza e sobre os corações e atos humanos. Mas é notável como muitos dos que defendem a doutrina da soberania de Deus sobre o sofrimento têm sido aqueles que mais sofreram e que encontraram na doutrina o maior consolo e ajuda.

Bunyan estava entre esse número. Em 1684, ele escreveu uma exposição para seu povo sofredor baseado em 1 Pedro 4:19: “Portanto também os que padecem segundo a vontade de Deus encomendem-lhe as suas almas, como ao fiel Criador, fazendo o bem”. O livro foi chamado de “Conselhos Sazonais: Recomendações aos Sofredores”. Ele toma a frase “segundo a vontade de Deus”, e desdobra a soberania de Deus nele (no sofrimento) para o conforto do seu povo.

Não é o que os inimigos querem, nem a que eles estão decididos, mas o que Deus quer, e o que Deus nomeia, que deve ocorrer... Nenhum inimigo pode trazer sofrimento a um homem quando a vontade de Deus é de outra maneira, assim, nenhum homem pode salvar a si mesmo de suas mãos quando Deus quer libertá-lo para a Sua glória... [assim como Jesus mostrou a Pedro “com que morte Pedro glorificaria a Deus”]. Devemos ou não sofrer, igualmente como Lhe agrada.

Deus Determina Quem Sofrerá

Deus determinou *quem* sofrerá [Apocalipse 6:11, o número total de mártires]... Deus designou... *quando* eles devem sofrer [Atos 18:9-10, o tempo de Paulo sofrer ainda

não tinha chegado; assim com Jesus em João 7:30]... Deus designou *onde* este, aquele ou o outro homem bom deve sofrer [“para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém”, Lucas 13:33; 9:30f].... Deus designou... a *que tipo de sofrimentos* este ou aquele santo deve ser submetido [Atos 9:16 “quanto deve padecer”; João 21:19 “com que morte ele glorificará a Deus”]... Os nossos sofrimentos, como a natureza deles, estão todos escritos no livro de Deus; e, embora os escritos pareçam personagens desconhecidos para nós, ainda sim Deus os entende muito bem [Marcos 9:13; Atos 13:29]... É apontado quem deles deve morrer de fome; quem deve morrer pela espada; quem deve ir para o cativeiro e quem deve ser comido por animais (Jeremias 15:2-3).

Qual é o objetivo de Bunyan nesta exposição da soberania de Deus no sofrimento? “Eu, em poucas palavras, tratei disto... para mostrar que os nossos sofrimentos são ordenados e preparados por Ele, para que vocês possam sempre, quando entrarem em apuros por este nome, não vacilar nem estar em perda, mas ser firmes, calmos, e estabelecerem em suas mentes, e dizer: ‘a vontade do Senhor seja feita’ (Atos 21:14)”.

É Misericórdia Sofremos, E Não Uma Tortura

Ele adverte contra sentimento de vingança: “Aprenda a apiedar-se e lamentar o estado do inimigo... Nunca guarde rancor deles por suas vantagens atuais. Não perturbe a si mesmo por causa dos malfeitores. Nem tenha inveja dos que praticam a iniquidade (Provérbios 24:19). Não se perturbe, embora eles estraguem o seu lugar de descanso. É Deus que lhes ordenou fazê-lo, para tentar a sua fé e paciência desta forma. Não lhes deseje nenhum mal com o que recebem que é seu; esse é o salário deles por seu trabalho, e aparecerá para eles dentro em breve o que eles muito merecem... Bendito seja Deus que a sua sorte caiu do outro lado... Quão gentilmente, portanto, Deus trata conosco, quando Ele escolhe nos afligir, apenas um pouco, para que com bondade eterna Ele tenha misericórdia de nós (Isaías 54:7-8)”.

“Sem Fruto, Porque Não Há Inverno Lá”

A chave para o sofrer corretamente é ver em todas as coisas as mãos de um Deus misericordioso, bom e soberano e “viver em Deus que é invisível”. Há mais de Deus a ser obtido em tempos de sofrimento do que em qualquer outro momento.

Há aquilo de Deus a ser visto em tal dia como não pode ser visto em outro. Seu poder em conservar alguns, a Sua ira em deixar outros; em fazer arbustos ficarem de pé, e cedros caírem; em tornar em loucura os conselhos dos homens, em fazer o Diabo enganar a si mesmo; em conceder a Sua presença ao Seu povo, em deixar Seus inimi-

gos nas trevas; em revelar [mostrar] a retidão do coração de seus santificados e revelar a hipocrisia de outros, é um trabalho de maravilhas espirituais no dia da Sua ira, e do vendaval e tempestade... Somos aptos a errar nos dias que são calmos, e achamos que nós mesmos somos muito maiores e mais fortes do que nós descobrimos que somos, quando o dia da tentação está sobre nós... Nós não poderíamos viver sem esses giros da mão de Deus sobre nós. Estaríamos cobertos de carne, se não tivéssemos nossos invernos sazonais. Diz-se que em alguns países, árvores crescem, mas não dão fruto, porque não há inverno lá.

Então Bunyan implora ao seu povo para que se humilhem sob a poderosa mão de Deus e confiem que tudo será para o seu bem. “Permita-me implorar de ti, para que tu não fiques ofendido ou com Deus, ou com homens, se a cruz é colocada pesadamente sobre ti. Não com Deus, pois Ele não faz nada sem uma causa, nem com os homens, pois eles... são os servos de Deus para teu bem (Salmo 17:14 — KJV; Jeremias 24:5). Tome, portanto, o que vem a ti de Deus por meio deles, gratamente”.

5. O sofrimento de Bunyan aprofundou nele uma confiança na Bíblia como a Palavra de Deus e uma paixão pela exposição bíblica como a chave para a perseverança.

Se “viver em Deus que é invisível” é a chave para sofrer corretamente, qual é a chave para viver em Deus? A resposta de Bunyan é: lançar mão de Cristo, através da Palavra de Deus, a Bíblia. A prisão provou para Bunyan ser um lugar sagrado de comunhão com Deus, porque o seu sofrimento desbloqueava a Palavra e a comunhão mais profunda com Cristo que ele já havia conhecido.

Eu nunca estive em toda a minha vida tão aberto para a Palavra de Deus como agora [na prisão]. Essas Escrituras em que eu não via nada antes tornaram-se rutilantes sobre mim neste lugar e estado. Jesus Cristo também nunca foi mais real e aparente do que agora. Aqui eu O vi e O senti de fato... eu tive visões doces do perdão dos meus pecados neste lugar, e do meu ser com Jesus em outro mundo... Tenho visto aqui o que eu estou bem certo que eu nunca serei capaz, enquanto neste mundo, de expressar.

“No Bolso Do Meu Peito, Eu Tenho Uma Chave”

Ele especialmente estimava as promessas de Deus como a chave para abrir a porta do Céu. “Digo-te, amigo, existem algumas promessas em que o Senhor me ajudou a lançar mão de Jesus Cristo através de e por meio delas, as quais eu não tiraria da Bíblia nem pelo tanto de ouro e prata que pudessem ser empilhados entre York e Londres até as estrelas”.

Uma das maiores cenas de “O Peregrino” é quando Cristão recorda, no calabouço do Castelo da Dúvida, que ele tem uma chave da porta. Muito importante não é somente o que é a chave, mas onde ela está:

Que tolo sou eu, a ponto de ficar prostrado numa masmorra fétida, quando posso tão bem andar uni liberdade! Tenho no meu peito uma chave chamada Promessa e estou convencido de que abrirá qualquer fechadura do Castelo da Dúvida. Disse-lhe Esperança: Esta é uma boa notícia, meu irmão, tire-a do peito e experimente-a... Cristão tirou-a de seu peito e começou a experimentá-la na porta da masmorra, cuja lingueta cedeu (ao ser virada a chave), e a porta se abriu com facilidade. Cristão e Esperança saíram.

“Fure-O Em Qualquer Lugar... O Seu Sangue É Biblino”

Três vezes Bunyan diz que a chave estava no “bolso no peito” de Cristão, ou simplesmente em seu “peito”. Eu creio que isso quer dizer que Cristão havia escondido em seu coração por memorização e que era agora acessível na prisão justamente por esse motivo. Foi assim que as promessas sustentaram e fortaleceram Bunyan. Ele estava preenchido com as Escrituras. Tudo o que ele escreveu foi saturado com a Bíblia. Ele se derramou sobre a sua Bíblia em Inglês, que ele tinha na maior parte do tempo. É por isso que ele pode dizer de seus escritos: “Eu não tenho por essas coisas pescado nas águas de outros homens; minha Bíblia e Concordância é minha única biblioteca em meus escritos”. Charles Spurgeon, a respeito disso, falou o seguinte: “Ele havia estudado a nossa Versão Autorizada... até que todo o seu ser estava saturado com as Escrituras, e através de seus escritos... continuamente nos faz sentir e dizer: ‘Ora, esse homem é uma Bíblia viva!’. Fure-o em qualquer lugar, e você descobrirá que o seu sangue é Biblino, a própria essência da Bíblia flui dele. Ele não pode falar sem citar um texto, pois a sua alma está cheia da Palavra de Deus”.

Bunyan reverenciava a Palavra de Deus e tremia com a perspectiva de desonrá-la. “Morra eu... com os filisteus (Juízes 16:30) ao invés de lidar de forma corrupta com a bendita Palavra de Deus”. Essa, por fim, é a razão pela qual Bunyan ainda está conosco hoje, em vez de haver desaparecido na névoa da história. Ele está conosco e ministrando para nós, porque ele reverenciava a Palavra de Deus e foi tão envolvido por ela que o seu sangue é “Biblino” e que “a essência da Bíblia flui dele”.

E isso é o que ele tem para nos mostrar. Que “viver em Deus que é invisível” é viver em Deus, em Sua Palavra. E o servir e sofrer de uma vida em Deus é servir e sofrer de uma vida encharcada com a Palavra de Deus. É assim que devemos viver, é assim que devemos

sofrer e é assim que vamos ajudar o nosso povo a chegar com segurança à Cidade Celestial. Vamos conduzi-los com a Palavra. Diremos a eles como Bunyan disse ao seu povo:

Deus espalhou por todo o caminho a partir do portão do inferno, de onde foste tirado, até a porta do Céu, aonde vais, com flores de seu próprio jardim. Vejam como as promessas, convites, chamadas e encorajamentos, como lírios, repousam ao teu redor! Acautela-te, para que não pises nelas com os teus pés.

ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO use este sermão para trazer muitos
Ao conhecimento salvador de JESUS CRISTO.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformaçoão Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;

² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus.

⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.

⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados.

⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal.

¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus.

¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.